

## Fim de prova

*(Versos dedicados a conhecida rainha europeia, que tive a felicidade de servir, há menos de quatro séculos, e que reencontrei reencarnada, no clima redentor de um leprosário, em honroso término de provações purificadoras.)*

Lembro-te, velha amiga, o cetro de rainha!...  
Crias dominações por láureas prediletas...  
Mandas!... No entanto, oh! Deus, daquilo que decretas  
A penúria se expande e a lágrima caminha!...

Deixei-te, há longo tempo, entre as arcas repletas...  
Hoje, quis reencontrar-te, oh! soberana minha,  
E achei-te reencarnada, anônima e sôzinha,  
Num catre de aflição, gemes, sonhas, vegetas...

Dos colares e anéis que te enfeitavam tanto,  
Tens chagas por rubis e pérolas de pranto!...  
E soffro ao ver-te a lepra em purpúreas verminas...

Mas louva, oh! soberana, a angústia transitória!...  
Pela dor subirás ao reino de outra glória,  
No teu coche real de açucenas divinas!...

EPIPHANIO LEITE

## Dona Branca

Na mansão, Dona Branca, agitando as mãos finas,  
Exclama: «Pobres, não!»... E, irônica, acentua:  
— «Mendigo é na cadeia e miséria é na rua...»  
E os pedintes se vão a férreas disciplinas.

Chora a penúria em torno e há festas libertinas,  
Dorme-se à luz do sol e regala-se à lua...  
Numa noite brilhante, a morte se insinua  
E furta Dona Branca ao mar de serpentinhas...

Desencarnada agora, a mente se lhe atrela  
A miragens febris!... Crê-se adornada e bela,  
Nada conserva além da sombra em que se touca...

E, mulher que fugira ao serviço fecundo,  
Dona Branca, algemada às lembranças do mundo,  
Baila na própria campá em frêmitos de louca.

SILVA RAMOS